



INTRODUÇÃO

Certa vez, eu tive a graça de percorrer algumas localidades da Palestina com um grupo de pessoas de minha paróquia.

O guia que nos orientava era um brasileiro convertido ao judaísmo, uma pessoa simples mas muito culta. Conhecia os Evangelhos melhor do que a maioria dos cristãos e não raras vezes me senti envergonhado diante de suas observações logicamente impecáveis, mas sempre respeitadas.

Falando de São José observou que os cristãos, muita vez, deturpam a sua figura. “*Aquele José - dizia ele- mudo e reservado, um bom proletário simples e bonachão, escondido atrás de sua mesa de carpinteiro, não é nada mais do que uma caricatura do José verdadeiro*”. E explicou que pelo fato de ser um **SADIQ (Justo)** exercitou um papel público e social muito importante. Seus ensinamentos eram procurados pelo povo que o considerava uma espécie de modelo de adesão a Deus e o consultava para entender e observar a Torah... Falou de como foi com certeza um carpinteiro de renome, mestre de obra na reconstrução de Séforis, destruída por Quintílio Varo durante a sua juventude; lamentou que os cristãos façam dele um irresponsável ao julgarem que chegou a Belém com a esposa na iminência do parto, sem ter providenciado antes um lugar conveniente; sorriu ironicamente quando conversamos a respeito da tendência de certas escolas de arte representarem José velho e de cabelo branco, afirmando que o casamento do carpinteiro se deu quando tinha 18 ou 20 anos e não com os noventa de certos livros pseudepígrafos; comentou que Jesus deve ter saído a José em tudo, quer na fisionomia, quer no caráter, quer na doutrina; traçou o perfil do homem da época colocando nele a figura do nosso santo....

Naquele momento fiz o propósito de atualizar o meu São José, que me é querido por muitos motivos, sobretudo por ser Esposo de Maria, Padroeiro da Igreja e da minha Congregação Religiosa.

Pouco tempo depois tive em minhas mãos dois livros completamente diferentes entre si, mas que se complementam: **Giuseppe di Nazaret**, de *Frère Ephraim* e **Nossa Senhora dos Heréticos** de *Alberto Maggi*. Eles me confirmaram as opiniões daquele admirável guia.

A partir de uma reflexão própria, ampliada pela leitura e meditação de outros escritos muito importantes, entre os quais quero destacar **São José na Bíblia** de *Giuseppe Danieli* e as obras de *Prat*, criei coragem para apresentar aos devotos do Santo algo da sua história.

Ela não tem nenhuma finalidade científica. É destinada aos leitores humildes que amam e querem aumentar seu amor a São José.

Se o opúsculo ajudar alguém a crescer, pelo menos um pouco, na devoção ao nosso santo, sentir-me-ei plenamente recompensado.

O autor.

I – ENQUANTO HERODES O GRANDE REINAVA

ACONTECEU....

Depois de uma caminhada longa e cansativa, finalmente chegaram. Estavam lá o velho Matan, sua esposa e uma porção de filhos e netos. Matan e filhos exerciam a profissão de “**carpinteiro**”, herdada de seus antepassados, mas não rejeitavam também outros trabalhos, como cultivar uma nesga de terra para colher cevada e trigo, plantar parreiras e oliveiras e criar gado miúdo, vale dizer, ovelhas e cabras... Vinham de Belém passando por Jericó e pela Samaria, em procura de uma terra onde pudessem sobreviver. Em Belém a vida se tornara muito difícil. Uma seca demasiadamente prolongada estava acabando com as águas e os produtos dos

campos. Previa-se muita miséria e fome.

Tinham evitado o Caminho do Mar, o mais fácil, pois corriam rumores de revoltas e os romanos criavam dificuldades para as caravanas que se dirigiam ou saíam da Galiléia, a terra dos eternos rebeldes. Estradas secundárias estavam menos sujeitas a controles e a eventuais contratempos de os viajantes, como serem confundidos com sicários e zelotes. Agora finalmente estavam na Galiléia, uma terra fértil, embora de péssima reputação e se estabeleceram em Nazaré, a 4 Km da capital Séforis. Nazaré era um lugarejo com umas vinte casas, a maioria delas escavadas na rocha. Mas podia ser um lugar promissor por estar situada em um importante entroncamento comercial, ponto de encontro das caravanas que vinham do Oriente e se dirigiam ao Mediterrâneo.

Matan, entre outros, tinha um filho de nome Jacó que era o pai de José. No tempo da nossa história, José era ainda uma criança alegre e sadia que arregalava seus olhos infantis diante das maravilhas que a nova terra ostentava.

Quando aconteceu esta imigração? Os Evangelhos não falam. Dizem somente que Matan era o avô e Jacó o pai de José e que José era originário de Belém e exercia o ofício de carpinteiro.

As origens de José permanecem obscuras. Só podemos esperar que a arqueologia ou algum documento, guardado no seio fértil da Palestina ou do Egito, projetem novas luzes sobre este mistério até hoje escondido na penumbra do tempo.

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DE JOSÉ

Os primeiros anos...

Podemos, com muita probabilidade de acerto, determinar a época do nascimento do nosso Santo. Tendo por base que seu casamento com Maria se deu na flor da idade, entre 18 e 25 anos, seu nascimento deve ter ocorrido entre os anos 32 e 25 antes de nossa era.

Um filho era sempre uma bênção, um braço a mais. Foi acolhido, portanto, no seio da família com muito amor e regozijo e promessa de continuidade. Oito dias depois do nascimento foi circuncidado. Nesta ocasião o pai Jacó deu-lhe o nome “*Yosef*” que significa: “*Aquele que reúne, que acrescenta, que aumenta*”. Conforme o uso hebraico, a mãe lhe ensinou a falar, a orar e as primeiras noções da língua aramaica, que era então a língua oficial da Palestina. Aos cinco anos o pai começou a lhe explicar a Torah e a introduzi-lo no conhecimento e na observância dos mandamentos. O papel do pai em relação à educação religiosa era essencial. José, filho de Jacó, herdou do pai uma profunda espiritualidade, baseada no amor a Deus e ao próximo através da rigorosa observância da lei.

Além do pai havia, na comunidade algumas pessoas um pouco mais instruídas que exerciam a profissão de mestre. Os locais onde se ministrava o ensino eram a família, em primeiro lugar, e depois uma sala apropriada da Sinagoga que servia de escola primária religiosa. Nesta escola José conheceu imediatamente o Livro do Levítico e depois também os outros livros sagrados. O Talmud, que é um grande comentário dos textos bíblicos, explica: “*As crianças são puras e os sacrifícios são também uma coisa pura. Que os puros iniciem ocupando-se de coisas puras!*”

Aos 13 anos...

O pequeno José junto com os pais, irmãos e irmãs, rezava pela manhã, à tarde e à noite, a **tephillah**, isto é, a oração das 18 bênçãos, obrigatória para todo israelita. Aos 13 anos foi considerado religiosamente adulto. Nesta ocasião participou de uma importante cerimônia religiosa, realizada na Sinagoga, onde cantou solenemente a leitura do dia e prometeu assumir todos os empenhos religiosos dos homens livres. Tornou-se, assim, membro efetivo da comunidade de Israel e responsável diante de Deus por todos os seus atos. Doravante deveria observar, com o máximo empenho possível, os 613 mandamentos da **Torah** e recitar 3 vezes ao dia **Shemá**, isto é, a profissão de fé dos israelitas.

No fim da cerimônia o pai Jacó deu sua bênção ao filho, como faziam os antigos patriarcas: “*José é um rebento fecundo perto da fonte, cujas canas ultrapassam o muro. Os*

arqueiros o exasperaram, atiraram, o aborreceram. Seu arco, porém, ficou intacto, e seus braços foram sustentados pelas mãos do Todo-Poderoso de Jacó, pelo nome do Pastor, pedra de Israel. Que o Deus de teu pai te ajude, que o Deus Todo-Poderoso te abençoe: bênçãos dos céus, do alto, bênção do abismo deitado em baixo, bênçãos das mamas e do seio, bênção dos espinhos e das flores, bênçãos das montanhas antigas, atração das colinas eternas... Que elas venham sobre a cabeça de José, sobre a fronte do consagrado entre seus irmãos". (Gen. 49,22-26).

E JOSÉ CRESCIA

A preparação de um SADIQ

Nada sabemos de José antes de seu noivado com Maria. Podemos imaginá-lo brincando com as outras crianças, ajudando papai e mamãe nas pequenas coisas de cada dia, aprendendo a profissão de carpinteiro, orando três vezes ao dia com a família... Mas há um aspecto apontado pelo Evangelista que chama nossa atenção. Falando de José, Mateus o denomina "**JUSTO**", que é o juízo do Evangelista a respeito da retidão habitual do nosso santo. Que Justo seja sinônimo de Santo não temos dúvida alguma. José se santificava cada dia mais, preparando seu coração e sua vida para a grande missão que lhe era reservada. Mas a palavra **JUSTO**, ou **SADIQ**, indica também uma categoria de pessoas que se comprometiam a observar a Lei em toda a sua plenitude, como exemplo para os outros. José, como **SADIQ**, foi um líder na sociedade. Exerceu uma influência espiritual acentuada na comunidade judaica de Nazaré, e assumiu uma responsabilidade muito grande frente aos habitantes. Para isto precisava de uma preparação adequada e de um grande empenho pessoal. Eis então que devemos admitir que sua educação foi superior ao nível comum dos outros israelitas. Apreendeu, com certeza, o hebraico das Escrituras, noções fundamentais de grego e de latim e os segredos de interpretar a Torah com uma profundidade admirável.

O Sadiq para os judeus...

O que significava ser **JUSTO** para os Israelita é expresso por um estudioso que, depois de ter lido no Talmud: "*O fogo é a sexagésima parte da Geena; o mel a sexagésima parte do maná; o Sabbat a sexagésima parte do mundo futuro; o sono a sexagésima parte da morte; o sonho a sexagésima parte da profecia...*", acrescentou o comentário: "*O Sadiq é a sexagésima parte do Messias*".

O aprendiz de carpinteiro

José começou a trabalhar muito cedo. Só descansava no dia de Sábado.

Apreendeu a profissão de carpinteiro com o pai, um bom fariseu, que lhe dava sábios conselhos tirados da Bíblia e da tradição. "*Quem conhece e domina uma profissão, - comentava - é como uma vinha protegida por uma cerca. Não entram nela animais e quem passa não a devasta. Quem, porém, não aprendeu uma profissão é como uma vinha cuja cerca foi derrubada. Animais a pisam e quem passa rouba seus frutos*" (Tosefta 1,11)

Dois mil anos mais tarde, São Leonardo Murialdo repetiria a mesma coisa aos pequenos artezãos do colégio que dirigia na cidade de Turim : "*Lembrem sempre, quem tem uma profissão possui uma vinha sobre o qual nunca cai granizo, uma garantia segura para o futuro.*"

II – JOSÉ, O ESPOSO DE MARIA

O CASAMENTO DE JOSÉ

Namoro e noivado de José?...

José e Maria se conheciam desde crianças. Nazaré era tão pequena que nenhum morador era estranho. Ele admirava a simplicidade, a candura e a beleza daquela moça e Ela o apreciava por ser piedoso, robusto, inteligente e trabalhador.

Um dia o coração de ambos bateu mais forte. Os pais tinham decidido que José e Maria deviam se casar.

Está fora da mentalidade judaica daqueles tempos pensar que os dois se conheceram, namoraram e decidiram contrair matrimônio. A coisa se processava de maneira muito diferente de como acontece entre nós.

Eram os pais que escolhiam o parceiro da filha e a parceira do filho, não sem antes consultar também os parentes. O matrimônio era um assunto de família, sujeito aos interesses e conveniências do clã. Podia ocorrer que, em algumas circunstâncias, fosse pedido o consentimento da futura esposa, mas normalmente não acontecia. Casamento por amor, como nós entendemos, não entrava nos hábitos daquela época, embora a Bíblia apresente episódios que provam ter existido antigamente matrimônios desta natureza.

Não há dúvidas de que Deus estava presente nas complexas e enredadas negociações, urdidadas a respeito do casamento de Maria e José. Ele quis dar a Maria um esposo digno dela, com uma santidade e cultura excepcionais, um coração límpido e casto e uma influência na sociedade, tal que fosse tipo e modelo da influência que Jesus iria exercer por onde passasse e pregasse. Portanto dirigiu os acontecimentos para a realização de seus planos.

Felizes para sempre!

Combinado diante de duas testemunhas o dote a ser pago pelo pai da noiva, dote que consistia num lote de terra, ou em alguns barris de azeite, ou numa quantia em dinheiro, ou em outras coisas de maior ou menor valor, José deu ao futuro sogro 50 siclos (450 gramas) de prata, que ficaram devidamente registrados nos documentos matrimoniais. Esta quantia, na realidade, pertencia à esposa e haveria de servir como uma espécie de indenização em caso de viuvez ou divórcio. A noiva recebia também presentes do noivo que, com o dote, faziam parte de seu patrimônio. Qual terá sido o dote de Maria e quais os presentes de José? Só o saberemos no céu..

Resolvidos os problemas familiares, marcou-se a data das bodas que se realizaram na casa da noiva. Na ocasião Nazaré inteira estava presente, pois um casamento sempre envolvia não só as famílias e o clã, mas todo o povoado.

No momento do enlace José cobriu Maria com o próprio manto, pronunciou a fórmula “*Tu és minha esposa*” e depois de Maria ter respondido “*Tu és meu marido*”, José passou a ser o Baal (o senhor) da noiva. Era um ritual simples, chamado **QIDDUSHIN**, isto, é santificação, que fazia com que a mulher passasse do poder do pai ao poder do marido.

Todavia a mulher, por se casar sempre muito jovem, ficava na própria casa ainda durante um ano, até atingir plenamente sua maturidade sexual. Passado este tempo, numa quarta feira, - como se lê no Talmud, - deu-se a segunda parte do casamento. Maria esperou na casa paterna que José viesse buscá-la. Saíu acompanhada pela bênção do pai e por um cortejo de amigas e entrou na casa do marido, onde se realizou um grande banquete. Os festejos se prolongaram por uma semana e não faltou o vinho para animar a ruidosa alegria dos convidados. Um casamento em Nazaré era a festa mais popular do ano e merecia ser devidamente comemorado.

Foi entre a primeira e segunda fase das núpcias que se deu o grande acontecimento da Anunciação a Maria e o mistério da concepção de Jesus.

Uma lenda muito antiga

Um livro do 3o século, que pretendia preencher o silêncio dos Evangelhos a respeito das núpcias do santo casal, livro intitulado *Proto-Evangelho de Tiago*, atribuído falsamente a *Tiago*, o “irmão do Senhor” e primeiro Bispo de Jerusalém, traz um conto dramático a respeito do casamento de José.

Resumimos o conteúdo.

Maria foi criada no templo e alimentada pelos anjos. Quando a Virgem atingiu 12 anos, o Sumo Sacerdote *Zacarias* consultou o Senhor e decidiu casá-la. Reuniu então os viúvos da Palestina, convocando-os a toque de trombeta e ordenando que trouxessem na mão sua bengala. Quando todos estavam reunidos no templo, a bengala de José floresceu e do cálice daquela flor divina saiu uma pomba a qual deu umas voltas pelos ares e acabou pousando sobre sua cabeça. O sumo Sacerdote disse-lhe então: “*A sorte designou você para ser o esposo de Maria*”. Porém o Santo Patriarca se desculpou dizendo: “*Já sou velho, tenho filhos. Se aceitasse tal conúbio todos zombariam de mim*”. O Sumo Sacerdote o ameaçou com terríveis maldições, caso não aceitasse. José, atemorizado, acabou consentindo.

Segundo aquele Proto-Evangelho, José tinha a linda idade de noventa anos completos e seu filho maior, chamado Tiago, o pseudo autor daquele livro, já passava dos quarenta.

A Igreja nunca aceitou esta versão por ser puro fruto da fantasia popular. Porém a estória influenciou na arte de maneira tal que vemos ainda hoje imagens de José com os cabelos brancos e a barba cor de neve. Sabemos, porém, que segundo os costumes dos judeus, José casou no vigor de sua juventude. Porém, e isto está escrito nas entrelinhas do Evangelho, tinha um amadurecimento tal que incutia respeito em todos aqueles que o conheciam.

E os filhos de José, os chamados irmãos de Jesus, quem eram na realidade? É o caso de vermos quem foram e porque eram considerados tão íntimos de Jesus, o filho único de Maria e de Deus.

IRMÃOS OU PRIMOS DE JESUS ?..

São Jerônimo e os hereges...

No quarto século de nossa era um monge sem instrução e muito grosseiro, chamado **Elvídio**, junto com outro monge chamado **Joviniano** e o Bispo de Sárdica conhecido por **Bonos**, tentaram impugnar o dogma da virgindade de Maria. Toda a cristandade freuiu de indignação e São Jerônimo, aquele Jerônimo que traduziu a Bíblia para o latim, dando-nos aquela obra grandiosa chamada Vulgata, tomou a palavra pulverizando os argumentos dos coitados. Entre outras coisas Jerônimo afirmou categoricamente o seguinte: “*Tu (Elvídio) pretendes sustentar que Maria não foi Virgem... Eu tenho certeza absoluta de que José também foi Virgem por causa de Maria*”.

Hegesipo, o Pai da História da Igreja.

Um escritor cristão do segundo século, um certo **Hegesipo**, que viveu muito perto dos tempos apostólicos e é considerado “*Pai da História da Igreja*”, nos deixou um livro intitulado “**Memórias**”. Ele nos diz que *José tinha um irmão chamado Cléofas*, casado com uma Maria, distinta da Virgem Santíssima (Jo. 19,25), mas talvez irmã dela, e que este Cléofas teve um filho: *Simeão*. Os Evangelhos especificam que *Simeão era irmão de Tiago (o Menor), de José e de Judas (Tadeu)*, os denominados “*irmãos de Jesus*”. Então compreende-se que estes não eram irmãos carnais, mas irmãos primos do Salvador. Assim os “*irmãos de Jesus*” na realidade eram filhos de um irmão de São José.

Duas explicações...

Para explicar porque os judeus englobavam Jesus e aqueles personagens na categoria de irmãos, vale não somente observar que a língua aramaica, na sua pobreza, carecia de vocábulo próprio para designar um primo, mas também se deve sublinhar um outro fator que acreditamos verossímil e importante.

Depois da morte de Cléofas e de José, o esposo da Virgem Santíssima, as famílias de Maria, Mãe de Jesus, e de Maria de Cléofas começaram a viver em comum. Dizem os Evangelhos que depois das bodas de Caná, Jesus, sua Mãe e seus irmãos foram morar em Cafarnaum (Mt 4,13 e Jo. 2,12). Aconteceu então que Jesus e os filhos do falecido Cléofas eram universalmente conhecidos como irmãos porque moravam num mesmo lar.

O AMOR HERÓICO DE UM HOMEM JUSTO...

Maria e o Anjo Gabriel

Certo dia, pouco depois do contrato nupcial, Maria recebeu a visita de um Mensageiro de Deus chamado Gabriel que lhe comunicou a vontade divina de salvar a humanidade enviando seu Filho ao mundo. O Anjo lhe disse que Ela fora escolhida para ser a mãe do Salvador e que Deus precisava de seu *Sim* afim de que aquele mistério se realizasse. Maria ficou aturdida, mas embora não tenha entendido tudo, pois na cabeça humana não pode caber a plenitude dos mistérios do plano de Deus, entendeu o suficiente para aceitar de todo o coração.

José não foi informado imediatamente. Maria esperava o momento certo para lhe contar e este momento só podia ser preparado com muita oração e reflexão.

Maria e Isabel.

O Anjo também tinha-lhe anunciado que uma sua parenta, chamada Isabel, tinha recebido de Deus o dom da maternidade, embora adiantada em anos e considerada estéril. Então Maria pensou ir até Isabel, pois poderia saber dela o que estava acontecendo e falar abertamente com ela daquilo que lhe ocorreria. Pediu então o consentimento do marido e partiu em direção da Judéia. Depois de uma caminhada de aproximadamente 4 dias, chegou a uma localidade situada nas montanhas perto de Jerusalém, denominada hoje Ain Karin. Lá encontrou Isabel, lhe abriu seu coração, a confortou e recebeu conforto, louvou junto com ela o Todo-Poderoso e meditou, meditou muito sobre as maravilhas que Deus operara em suas servas. Passados três meses, voltou para Nazaré serena e feliz porque trazia Deus não só no coração mas também no seio.

Um Sadiq em apuro...

Foi depois do retorno que José percebeu nela os sinais da maternidade. José não podia acreditar naquilo que estava vendo. Nunca teria esperado uma surpresa deste tipo. Maria, a Maria que conheceu tão pura, tão temente a Deus, a Maria dos seus sonhos, sua esposa, o tinha traído! As explicações que Ela dava não o convenciam. A história do Anjo e seus protestos de inocência pareciam-lhe um absurdo. José estava profundamente magoado e confuso. Havia uma coisa, porém, que o deixava mais confuso ainda. Não tinham murchado em Maria aquela pureza e candura que a caracterizavam. Pareciam até mais acentuadas e intensas. José curtia, naquele momento, todos os tormentos dos namorados desiludidos e dos esposos traídos.

Mas ele é um Sadiq. Ele deve ser um exemplo no cumprimento da Lei e a Lei é clara: ***mulher adúltera é punida com pena de morte por lapidação***. O livro do Deuteronômio (22,20-21) o obriga a denunciá-la e manda que o marido da infiel atire a primeira pedra. Não é fácil decidir. Algo lhe diz que sua esposa é inocente, mas os fatos, as aparências falam o contrário. O que fazer? José *não age de maneira fria e obtusa, aceitando de olhos fechados um preceito antigo, produto dum machismo secular. Usa seu senso crítico e deixa falar a consciência e o coração. José não a denuncia. José não obedece à Lei. Entre a fidelidade à Lei e a fidelidade ao amor, vence o amor*. Passar, porém, a vida inteira com uma pessoa tão cheia de mistérios e com o sinal visível da traição sempre ao seu lado, está acima de sua compreensão. E decide repudiá-la em segredo.

A decisão de um Justo

Era tão simples repudiar a esposa. Qualquer motivo era válido... Muitos chegavam ao divórcio só porque a companheira tinha deixado o almoço queimar, ou gostava um pouco demais de prolongar a conversa na soleira da porta, ou simplesmente porque tinham encontrado outra pessoa mais atraente. E nem se precisava do consentimento da mulher. Podia ser um caminho fácil e legal para os judeus da época, mas não o era para José. Não havia, porém, outro jeito. *“José, seu esposo, sendo Justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo...”* (Mt 1,19).

A palavra **“em segredo”** merece um destaque especial. Indica que o nosso santo tomou uma decisão heróica. O ato do divórcio era sempre uma coisa oficial, pública e notória. Para não

expor Maria, José decidiu fazer tudo em segredo. Abandonaria a esposa, iria viver longe, curtindo no silêncio suas mágoas. Falar-se-ia muito do caso na bisbilhoteira Nazaré. Maria, porém, seria a vítima e José o carrasco. Quem levaria o marco da infâmia seria ele, o sem vergonha, que tinha dado um filho a Maria e não quis assumir a responsabilidade... José é um exemplo de amor que não tem precedentes. Um caso mais único que raro naquela Palestina em que a mulher era considerada um mal necessário e, muitas vezes, na escala de valores, era colocada depois do camelo e da mula.

O FIM DE UM TORMENTO...

Uma visão libertadora

Deus sempre cuida dos justos. Ele podia e quis convencer o pobre José da total inocência de Maria, e o fez enviando seu Anjo que lhe anunciou: “*José, filho de Davi, não temas receber Maria tua mulher, pois o que nela foi gerado foi do Espírito Santo. Ela dará à luz um Filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo de seus pecados*” (Mt 1,20b-21). Era o sol depois de tenebrosa tempestade. José acreditou e também disse “**sim.**”

Maria e José com o seu **sim** se tornaram nossos irmãos na fé. Neles nós veneramos a realização mais pura da fé. “*Com tais testemunhas, rejeitando todo fardo e o pecado que nos envolve, corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos naquele que é autor e realizador da fé, Jesus*”. (Hb 12,1-2)

O Evangelho de Mateus (Mt 1,20) diz que o Anjo se manifestou a José *em sonho*. Conforme a mentalidade dos antigos os sonhos punham o homem em contato com o mundo superior. Os israelitas antigos do sul da Palestina, denominados *javistas*, gostavam de representar Deus de maneira antropomórfica, isto é, com modos próprios do homem, enquanto os eloístas, que eram os israelitas do norte, viam Deus de maneira mais transcendental, um Deus que se comunicava impessoalmente com o homem, de preferência em sonhos. A mentalidade da época de Jesus era totalmente orientada pelo Deuteronômio, escrito eloísta por excelência. Deve-se interpretar a expressão *manifestou-se a ele em sonho* como uma misteriosa comunicação do céu. José teve uma revelação que lhe abriu uma nesga de luz sobre o mistério da Encarnação e o convidou a uma entrega total aos desígnios de Deus num ato de fé sem reservas e sem explicações.

Não tenhas medo...

O Anjo recomendou em primeiro lugar *não ter medo* em receber Maria como Esposa. Repetiu o que Maria, com certeza, já lhe tinha comunicado: que Ela teria um filho por obra do Espírito Santo. Nunca tinha acontecido coisa semelhante em Israel. Era a primeira vez que uma mulher concebia sem intervenção de homem. Havia nisto algo de impossível, de inimaginável. Parecia até uma blasfêmia: “*Como colocar na cabeça que Maria, sua esposa, seria a mãe do Filho de Javé, a mãe do filho de Deus? Existiam lendas pagãs que falavam de coisas semelhantes... Não seria sacrilégio só o fato de pensar nisto?*” O “*não tenhas medo*” do Anjo calhava bem a propósito.

Como Maria, José acreditou. Acreditou contra toda evidência, contra toda a tradição de Israel, contra toda a estrutura religiosa da época, colocando-se, com o seu silêncio, à inteira disposição de Deus. Saindo desta visão, desta experiência única, agiu conforme o Anjo lhe ordenou e recebeu em casa sua mulher. José, agora, será na terra um substituto do Pai do céu, a “**Sombra de Deus**”.

O chamarás com o nome de Jesus...

O Anjo, além de tudo, **o autoriza a dar um nome a Jesus**. Para os judeus dar um nome significa muito mais do que caracterizar alguém e distingui-lo dos outros. Quando Adão, no Paraíso terrestre, deu um nome aos animais, ele se tornou senhor e dono de todos os animais. No Sinai, Javé não quis dizer seu nome, porque quem conhece o nome de alguém tem poder

sobre ele e pode obrigá-lo à vontade. José dando um nome a Jesus assume o direito e o dever de protegê-lo, de mandar nele, de ser obedecido e respeitado. Tem todo poder sobre Jesus, sobre o Filho de Deus feito homem. Além disto, dando-lhe o seu nome, ele o adota de uma maneira toda particular. Esta adoção confere ao menino todos os direitos legais, inclusive sua inserção na linhagem judaica. Jesus se torna filho de Davi por intermédio de José. A expressão “**o chamarás com o nome de Jesus**” encerra toda a grandeza de José que será, de agora em diante, o homem mais poderoso da terra, pois poderá mandar até no Filho de Deus.

Podemos dizer, talvez um pouco simploriamente, que na sociedade daquela época, Jesus sem José, correria o risco de não ser nada, socialmente falando. Maria lhe deu o ser, mas foi José que, dando-lhe seu nome, fez dele um ser social e o introduziu na condição humana; foi por meio de José que Jesus teve raízes num povo, numa linhagem; foi por meio dele que Jesus foi inserido numa tradição e apreendeu uma profissão. De agora em diante o Filho de Deus, que plantou sua tenda no meio de nós, pode legalmente ser considerado “*Filho do homem*”.

III- JOSÉ, O PROTETOR DE DEUS.

O EDITO DE AUGUSTO

O recenseamento de Quirino

No ano 12 antes de nossa era, um legado romano, conhecido por Quirino, governava a Síria e a Palestina. Ele, por ordem do Imperador Augusto, começou um recenseamento que se prolongou por diversos anos e foi concluído pelos sucessores dele que foram Cêncio Saturnino e Quintílio Varo. O recenseamento na Palestina coincidiu com o tempo do nascimento de Jesus. Foi um pouco anterior à morte do rei Herodes, que se deu no ano 4 antes de nossa era.

Assim, pelos anos 7 ou 6, “*apareceu um edito de César Augusto ordenando tal recenseamento...*” (Lc 2,1). Cada um devia alistar-se em sua cidade. Sendo José originário de Belém da Judéia, aproveitou da ocasião para voltar à sua terra natal, levando consigo sua esposa Maria que estava grávida.

Em Belém..

Belém não era grande coisa, mas era seu berço. O profeta Miquéias (Mq 5,1) diz que era a menor de todas as cidades de Judá. Estava situada a 7 km de Jerusalém. Lá se encontrava o túmulo de Raquel, a mulher de Jacó, e lá tinham nascido personagens famosos, entre os quais o Rei Davi. A cidade tinha uma história inversamente proporcional ao seu tamanho.

José tencionava voltar definitivamente. Em Belém tinha parentes, amigos e até uma propriedade com uma casa pobre, mas acolhedora.

A casa de José era uma morada modesta, como a maior parte das casas daquela época. Tinha um espaço que servia de cozinha, dormitório, refeitório; uma outra pequena peça para hospedar visitas importantes e acolher as mulheres na ocasião do parto (eufemisticamente denominada “*sala*”, ou “*quarto dos hóspedes*”) e, nos fundos, uma estrebaria para os animais.

Foi precisamente nessa estrebaria dos fundos da casa que nasceu o Salvador.

Não conhecemos a data certa e tanto menos o dia do nascimento do Salvador. Ao longo dos séculos, fizeram-se muitos estudos e aventaram-se muitas opiniões. O que mais marcou a nossa época foi a instituição do Calendário Gregoriano, infelizmente baseado sobre um erro histórico do seu inventor, um monge russo chamado Dionísio, o pequeno.

O NASCIMENTO DE JESUS.

Uma estória mal contada...

A fantasia popular, alimentada pelos escritos apócrifos, imagina o santo casal chegando

a Belém nos momentos que precedem o parto. José e Maria suplicam de casa em casa um lugar decente para o nascimento do menino, mas ninguém os acolhe. Ei-los então obrigados a se refugiarem numa gruta, fora da cidade, para que o menino Jesus não nasça ao relento.

Pobre José, apresentado como um pedinte irresponsável, como alguém que expõe sua esposa a uma longa viagem quando só faltam alguns dias para ela dar à luz... Um José que não pensa, não providencia, não vê...Lendo o Evangelho de Lucas compreendemos que as coisas não se passaram assim. José chegou em Belém antes do fim da gravidez de Maria: *“Enquanto lá (em Belém) estavam, completaram-se os dias para o parto e ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e reclinou-o em uma mangedoura, porque não havia lugar para eles na sala”* (Lc 2,6).

Na casa de José.

Era tempo de recenseamento. As ruas estavam cheias de gente, as moradas cheias de hóspedes. A casa de José acolhia uma pequena multidão que estava em movimento contínuo. Crianças brincavam, mulheres se atarefavam nos afazeres domésticos, homens entravam e saíam...

A grande sala comum parecia um formigueiro e a pequena sala dos hóspedes também estava apinhada e em rebuliço. Só diminuía as atividades quando as pessoas se deitavam para dormir, depois de terem escolhido um canto, improvisando uma cama com um pouco de palha e um cobertor.

Jesus nasce num estábulo...

Foi nesta situação que chegou a hora do parto. Em tal circunstância nenhuma mulher se sentiria bem no meio de muita gente, tanto menos Maria, tão pura e tão santa. Passar para a sala dos hóspedes, como sempre acontecia nesses momentos, não era nem de se cogitar, pois já tinha inquietos e a hospedagem era sagrada. Então optaram pela estrebaria dos fundos e foi lá que o menino nasceu.

O nascimento de Jesus num estábulo foi uma opção livre e radical de pobreza e de caridade do santo casal. Um dia Jesus dirá: *“Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino dos céus”* (Mt 5,3) e certamente o dirá pensando em Maria e José que lhe ensinaram o valor da pobreza, como doação, desde o dia de seu nascimento.

A visita dos pastores

No brevíssimo tempo em que ficaram naquela gruta, aconteceu a inesperada homenagem dos pastores. Aqueles visitantes não eram donos de rebanhos, mas mercenários, uma raça de gente desacreditada em Israel e, segundo a mentalidade geral, destinada ao extermínio com a vinda do Messias. Os pastores trouxeram seus presentes: um queijo, um pouco de lã, um pelego, leite para o menino...

A simplicidade e a alegria que eles depositaram naquela gruta foram para José e Maria um verdadeiro milagre, uma maravilha operada pelo Senhor. Deus privilegiava aqueles personagens, considerados brutos e indesejáveis por todos. Deus chamava seus escolhidos para a salvação escolhendo, como seus primeiros convidados, os pobres e os marginalizados.

O casal voltou logo depois à grande sala da casa, já quase silenciosa e vazia porque, realizado o recenseamento, a maior parte dos hóspedes retornara aos seus lares. A vida agora tinha por eixo aquele menino que os alegrava e os enchia de infinita ternura.

A circuncisão de Jesus.

Oito dias depois houve a circuncisão da criança. A circuncisão era uma prática comum e muito antiga no Egito e em todo o Oriente. Permanece ainda hoje em grupos étnicos na Austrália, na África, na Ásia, sobretudo em países que sofreram a influência do Islamismo. Era um sinal próprio de um clã, de uma raça, ou um preservativo para doenças tropicais, ou também, como se acreditava, um meio para propiciar do céu a fecundidade. Para os judeus, porém, era um ato religioso, introduzido por Abraão, um sacramento da aliança entre Deus e Israel, um

sinal externo que significava a incorporação do recém-nascido no povo eleito.

A criança era circuncidada em casa pelo Pai o qual, na ocasião, lhe dava um nome. Assim José circuncidou o menino e anunciou solenemente que seria chamado **Jesus**, o que significa: **Javé dá a salvação**. Participaram da cerimônia todos os parentes. Foi uma festa muito animada e importante que culminou num banquete ruidoso e prolongado.

Jesus veio entre nós para nos salvar derramando seu sangue. A redenção começou com Maria oferecendo o Salvador para a humanidade e com José oferecendo à humanidade as primeiras gotas do sangue redentor.

A APRESENTAÇÃO DE JESUS AO TEMPLO.

Uma lei pouco feminista...

“Se uma mulher conceber e der à luz um menino, ficará legalmente impura durante 7 dias... No oitavo dia circuncidar-se-á o prepúcio do menino e durante trinta e três dias ainda ela ficará em casa, purificando-se do seu sangue” (Lev. 12, 2-4a). Tratando-se do nascimento de uma menina a reclusão da mãe se prolongava pelo dobro do tempo.

Resgate de Jesus? Purificação de Maria? Para que?

Quarenta dias depois, José levou o menino e Maria ao templo para as cerimônias do resgate e da purificação.

O primogênito pertencia a Deus por ser as primícias do matrimônio e por ter o direito de exercer uma espécie de sacerdócio em toda a família patriarcal. Era ele que devia oferecer sacrifícios e cuidar que fosse dado a Javé o culto devido. Pertencendo a Deus precisava ser resgatado. Era ao pai que cabia este dever. Então ele, ele só, tinha a obrigação de ir ao templo, pagar cinco ciclos, e imolar um cordeiro de um ano ou outra vítima. A mãe, querendo, podia ficar em casa, o que geralmente acontecia para as mulheres que moravam longe da metrópole. Maria não ficou em casa e o Sacerdote fez, em favor dela, um rito de expiação para que se tornasse pura.

Não era absolutamente necessário resgatar o menino e submeter Maria a um rito de purificação. Jesus pertencia a Deus por direito inalienável. Não havia nenhum dever de resgatá-lo. Maria, a mais santa de todas as criaturas, não precisava de purificação, pois foi virgem antes, durante e depois do parto. Maria e José, porém, se submeteram à Lei dando uma grande lição de humildade e de submissão à autoridade.

Um sacrifício de pobres.

Não ofereceram um cordeiro, mas um par de rolas... A situação de José, no momento, não era lá muito cômoda. Era sim um bom trabalhador, mas estava há pouco tempo em Belém e não tinha ainda um trabalho que lhe garantisse base econômica definitiva. Os cinco ciclos pagos, correspondentes a 45 gramas de prata, pesavam bastante nas suas reservas. Comprar um cordeiro estava fora de cogitação. Adquiriu simplesmente duas rolinhas que Maria ofereceu com suas próprias mãos ao levita... Era a oferta das mulheres do povo, o óbulo dos pobres.

Na gruta de Belém, José e Maria tinham feito uma opção de pobreza. No templo, através de seu humilde sacrifício, ratificaram esta opção. Durante toda a vida permaneceram pobres, não porque não puderam ou não souberam superar uma situação existencial, mas por livre escolha de seus corações.

Dois profetas misteriosos: Simeão e Ana...

Enquanto estavam lá apareceram dois personagens um tanto misteriosos: um santo velho chamado Simeão e uma mulher santa de nome Ana. Eles foram o símbolo vivo daquilo que de mais bonito emanava da alma de Israel: *a esperança amorosa da vinda do Messias*. Os corações de José e Maria se dilataram de felicidade vendo o menino reconhecido como Filho de

Deus e sentindo-se abençoados por Deus através daquelas criaturas. Ao mesmo tempo, porém, José ficou triste e pensativo diante da profecia do velho que anunciava sofrimentos para a esposa muito amada: “...e a ti uma espada transpassará a tua alma” (Lc 2,35)

MAGOS E HERODES PROCURAM JESUS...

Uma visita inesperada e ricos presentes...

A vida em Belém corria sem novidades. Maria e José curtiam aquele menino, o maior tesouro do mundo, com todo amor e carinho.

Certo dia houve em Belém um acontecimento que tirou a pequena vila de seu marasmo habitual. Chegou uma caravana de estrangeiros com vestidos multicores e montados sobre camelos ricamente enfeitados. A notícia se espalhou e todos correram para ver, num rebuliço repentino. Quando, porém, aquela gente percebeu que eram Magos imediatamente se eclipsou. “*Os magos, - dizia-se - estavam em contato com o demônio e além disto eram pagãos que contaminavam lugares e pessoas. Longe deles*”.

A caravana parou diante da casa de José. Escravos fizeram os camelos se agacharem e alguns personagens muito distintos desceram das cavalgadas e entraram na casa. O espanto de José e de Maria não foi pequeno. Tiveram também uma sensação de medo que logo se dissipou quando receberam uma saudação cordial e viram aqueles personagens prostrarem-se diante do menino, adorá-lo e oferecer seus presentes: ouro, incenso e mirra.

José logo entendeu o sentido daquelas dádivas. Os magos reconheciam em Jesus o Rei do Universo e lhe ofereciam ouro, um presente digno; viam em Jesus o Filho de Deus e nada melhor do que o incenso para manifestar a sua fé... E com a perfumada mirra, usada na composição de óleos sagrados para unções, queriam dizer que o menino era o ungido do Senhor para uma sacerdotia eterno. José lembrou também que a mirra era usada para embalsamar, que era amarga como o fel e servia de entorpecente, se tomada com vinho... Olhou para o menino que estava placidamente dormindo no berço e, sem saber porque, ouviu Isaias dizer: “*Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com as enfermidades, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto. Desprezado não fazíamos caso nenhum dele. E no entanto, eram as nossas enfermidades que levava sobre si, as nossas dores que ele carregava*” (Is 53,3-4a). E sentiu um aperto no coração.

Os Magos e Herodes...

A tradição diz que os magos eram três e nos transmitiu também os nomes: Melquior, Baltasar e Gaspar. Foram os três presentes que sugeriram o número e a fantasia popular que lhes deu os nomes. Não sabemos de onde vinham, se da Arábia ou da Pérsia, e nem se eram reis. O Evangelho diz que procediam do oriente e que foram diretamente ao palácio de Herodes em Jerusalém, procurando por lá o recém-nascido Rei dos Judeus. Em Sião criaram a maior das confusões, porque Herodes tinha pavor de concorrentes ao trono. Enquanto os sacerdotes ficaram indiferentes diante do anúncio dos magos, pois estavam tão acomodados que preferiam nem pensar na possibilidade da chegada do Messias, Herodes deu a devida consideração para a notícia e maquinou um plano de ação. Imediatamente pensou que, se existia mesmo um recém nascido destinado a ser rei, era preciso acabar com aquele menino. Astutamente pediu aos estrangeiros que o procurassem e que voltassem para lhe revelar o paradeiro, pois ele também queria homenageá-lo. Mas os Magos não voltaram. Tiveram uma visão celeste que os alertou sobre as intenções de Herodes e por outros caminhos regressaram para as suas terras, sem passar por Jerusalém.

O grande assassino....

Ludibriado, Herodes se enfureceu. Sua astúcia tinha falhado. Restava-lhe fazer uso de sua crueldade. Esta era conhecida por todos. O Imperador Augusto tinha dito certa vez: “*É*

melhor ser um porco do que um filho de Herodes". Com esta expressão Augusto queria dizer que Herodes poupava os porcos por ser um judeu, embora bastardo, mas não deixava de matar nem os próprios filhos. Mandou assassinar 6 e não se limitou a eles... Eliminou também um número grande de oficiais herodianos, a mulher e a sogra, genros e noras, nobres e plebeus, sem piedade, sem remorso. Mateus (Mt 2,16) narra que para poder acabar com o "rei dos Judeus" mandou trucidar todos os meninos de Belém e arredores com menos de 2 anos. Quantos terão sido os mártires inocentes? Calcula-se que não passaram de 20, havendo probabilidade ter sido até um número menor.

Jesus, porém, escapou de suas garras. José o salvou levando-o ao Egito.

FUGA ATRAVÉS DO DESERTO E VOLTA PELO MAR...

José obedientíssimo...

José teve uma segunda visão. Um mensageiro de Deus lhe ordenou: "*Levanta-te, toma o menino e a mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar*" (Mt 2,13).

A ordem de Deus é dirigida a José porque ele é o responsável pela família. Uma ordem inesperada, incômoda, numa hora muito imprópria. José não a discute e nem se queixa. Levantase, toma a mãe e o menino e parte imediatamente.

E foi pelo deserto afora...

Abençoou os magos pelo ouro oferecido, uma ajuda essencial naquela circunstância, e pensou um instante se não era o caso de dirigir-se para Gaza ou Ascalon em procura de um barco que o levasse à terra dos Faraós. Porém a presença dos guardas de Herodes, bem ativos nas enseadas onde atracavam navios e nas estradas adjacentes, o levou a escolher o caminho mais difícil, porém mais seguro, que era o do deserto. Sempre havia caravanas que andavam por lá. Seria mais fácil passar despercebidos... Foi um ato de prudência bem justificada. Qualquer sacrifício era válido para pôr em segurança o Filho de Deus.

Durante uma semana José viveu acochado pelo medo de ser descoberto e pela angústia de ver Maria e Jesus sujeitos a uma tão dura provação. Finalmente a caravana chegou à fronteira, na localidade de Rhinocolura. O menino estava salvo, mas eram necessários ainda alguns dias de viagem para encontrar um lugar onde se estabelecer, pois Rhinocolura era um ponto no deserto. Iria agora para Pelúcio e tinha certeza que logo mais a Providência lhes daria uma morada. Havia muitos judeus no Egito e esperava obter deles ajuda e orientações.

A viagem na lenda...

Os Evangelhos apócrifos fazem desta viagem um idílio contínuo. Legiões celestes os acompanham, animais selvagens se amansam diante do menino e leões escoltam e guiam o burrinho sobre o qual Jesus e Maria cavalgam... O capítulo XX do *Proto-Evangelho de Tiago* narra o seguinte episódio que ilustra muito bem a fantasia daqueles escritores.

"Aconteceu que, no terceiro dia de sua peregrinação, Maria sentiu-se exausta por causa do sol. Vendo uma palmeira disse para José: - Quero descansar um pouco na sua sombra.. José a levou imediatamente para lá e a ajudou a descer do jumento. Maria, depois de sentar-se, olhou para cima e vendo a palmeira carregada de tâmaras disse a José: - Queria, se fosse possível, colher alguns frutos desta palmeira. José retrucou: - causa-me estranheza o que tu dizes, porque a palmeira é muito alta. Tu pensas em comer e eu estou mais preocupado com a falta de água nos odres. Logo ficaremos sem beber, nós e o jumento. Então o menino Jesus, que descansava sorrindo no colo da mãe, falou à palmeira dizendo: - Dobra-te, ó árvore e sacia com teus frutos minha mãezinha! - E a palmeira logo se dobrou até aos pés de Maria e colheram tâmaras e todos se fartaram. E a palmeira ficou naquela posição até Jesus mandar: - levanta-te, ó palmeira, toma força e seja companheira de minhas plantas que estão no jardim do meu pai do céu. Faze logo mais brotar de tuas raízes a mina escondida debaixo da terra a fim de que corra água em abundância. - Logo a palmeira obedeceu e de suas raízes nasceu uma

fonte de água límpida e gelada e sumamente agradável. E todos tomaram, pessoas e animais, dando graças a Deus”.

A realidade foi outra...

A história, porém, foi menos poética do que a lenda. Não há naquele deserto nem palmeiras, nem água e nem animais selvagens. Até as legiões romanas, que partiram do Egito rumo à Palestina para acabar com a revolução dos anos 70, tinham horror daquela travessia. José a enfrentou com uma coragem heróica, coragem que revela uma faceta de sua personalidade: um caráter decidido e forte, capaz de enfrentar qualquer perigo para o bem das pessoas que ama.

Onde se estabeleceram?

Não é possível determinar qual foi a localidade onde a Sagrada Família se estabeleceu. As lendas apontam ora Hermópolis, ora Heliópolis, ora Sotinas (Proto Evangelho de Tiago XXII). Seja onde for, José trabalhou duramente naquela terra de exílio. Por ser estrangeiro sofreu discriminações e injustiças. Aquele tempo lhe lembrou de perto o cativeiro dos descendentes de Jacó e os sofrimentos da antiga escravidão.

A nossa salvação tinha um preço muito alto e a fuga ao Egito e o exílio naquela terra, foram uma das primeiras prestações, pagas por Jesus, Maria e José.

Uma volta diferente... Para Belém ou Nazaré?

Ficou por lá até que, no ano 4 antes de nossa era, o Mensageiro de Deus o avisou que podia voltar porque Herodes tinha morrido (Mt. 2,20). Ele preparou imediatamente a parca bagagem, buscou a esposa e a criança e retornou à Judéia. A volta foi muita menos cansativa do que a ida. Havia, além de tudo, a alegria de rever a pátria, pois tinha terminado o exílio e não pairavam mais ameaças de perseguição e morte contra Jesus.. Também não tinha mais sentido refazer o caminho do deserto. Providenciou alimentos para alguns dias de viagem; pelo preço de algumas moedas, embarcou numa daquelas barcaças costeiras que percorriam o litoral do Mediterrâneo, do Egito até a Fenícia, e saltou em terra numa enseada perto de Gaza.

Durante o percurso José ouviu muitas notícias e se inteirou das derradeiras atrocidades da morte de Herodes. Dizia um : *“Foi Deus que o castigou com uma doença repugnante. Os testículos dele apodreceram e emanavam um fedor tão grande que ninguém podia ficar perto dele.”* “O velho merecia isto e muito mais - acrescentava um outro. - *Pensem só, três dias antes de morrer mandou executar dois filhos e encerrar no hipódromo de Jericó a fina flor da nobreza de Judá com a ordem de degolá-la no momento de sua morte, para que houvesse choro e luto em Israel. Ainda bem que a ordem não foi cumprida!”*. “Agora, - ponderava um terceiro - *quem governa é Arquelau que não é trigo limpo e nem flor que se cheire. É tão mau quanto o Pai...”*

José conhecia a fama de Arquelau e temeu pelo menino. Teria gostado de ficar em Belém, mas essa notícia o deixou sem sossego. Aconselhado mais uma vez por uma visão celeste (Mt 2,22) tomou a criança e a esposa e seguiu para Nazaré.

Arquelau era filho de **Herodes o Grande** e irmão de **Herodes Antipas**. Governou a Judéia enquanto seu irmão Herodes era tetrarca na Galiléia. Tentou imitar o pai, mas só o conseguiu na crueldade. Reinou durante quase dez anos (4 A.C a 6 de nossa era). O imperador Augusto, atendendo as queixas de judeus e samaritanos maltratados por ele, o depôs e o exilou em Viena... O medo de José era bem justificado.

O ANO 6 DE NOSSA ERA...

Uma romaria com Jesus.

A Lei prescrevia que todo israelita fizesse uma peregrinação ao Templo de Jerusalém em ocasião das grandes festas judaicas que eram *Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos*. Quem morava muito longe ia para lá uma vez por ano, geralmente na Páscoa. Mulheres e meninos com menos de 13 anos não eram obrigados, mas nada impedia sua ida. O *rabi Shammai* prescreveu que as crianças menores podiam participar da romaria somente quando fosse possível *carregá-las nos ombros*. Entendia dizer que sendo a caminhada longa e penosa, não se podia exigir das crianças marchas forçadas, mas se devia aliviar o cansaço delas carregando-as.

Quando Jesus completou 12 anos, isto é, pelo ano 6 de nossa era, os pais o levaram para Jerusalém, na ocasião da Páscoa. Jesus era um adolescente bastante forte e podia aguentar a caminhada. Além do mais tinha um desejo enorme de participar daquela festa. José e Maria não tiveram a coragem de lhe negar esse prazer.

No dia da partida, a Sagrada Família se juntou ao grupo dos romeiros de Nazaré e de etapa em etapa, orando e cantando, chegaram à grande metrópole depois de quase uma semana.

Em Jerusalém...

Durante sete dias participaram dos cultos no templo; ouviram nos pórticos rabinos e doutores da lei, rodeados de discípulos, explicando a Torah; visitaram a cidade de Sion em tudo o que tinha de belo e sagrado e se extasiaram diante da grandeza do templo que Herodes tinha mandado reformar alguns anos antes...

Quando penetraram no átrio dos gentios, José traduziu para Maria e Jesus uma escrita em grego que dizia: *“Nenhum estrangeiro pode ultrapassar a cerca e a muralha que estão em torno do santuário. Todo aquele que for surpreendido violando esta ordem será punido com pena de morte que daí se seguirá.”*

Passaram pelo pórtico de Salomão. Viram as portas recobertas de ouro e prata; admiraram o candelabro de sete braços, todo em ouro maciço, pesando 2 talentos (78,5 Kg); contemplaram o altar dos holocaustos, a mesa dos pães da proposição, a grande videira de ouro que crescia sempre mais, por causa dos galhos votivos que eram pendurados nela continuamente...

O Templo cintilava, faiscando riquezas sem fim. Flávio Josefo (1), um historiador judeu do 1º século, conta que, depois da sua destruição no ano 70, havia tanto ouro no mercado que os preços do metal atingiram uma cotação tão baixa como nunca tinha acontecido antes.

Depois do primeiro dia de viagem de volta.

Depois das festas, a caravana recomeçou o caminho da volta. Era uma marcha completamente desorganizada. Ondas de pessoas e montarias se movimentavam pelas estradas poeirentas, mulheres junto com mulheres, homens com homens. As crianças pois faziam a festa. Andavam por todo lugar, corriam na frente, faziam daquela caminhada uma brincadeira sem fim. José bem que queria que Jesus estivesse ao seu lado. O mesmo sonhava Maria. Mas Jesus era um adolescente e desde a saída de Nazaré, os pais sentiram que desejava ser livre e escolher seus companheiros de viagem.

Onde estará Jesus...?

Quando finalmente, no fim do primeiro dia, a caravana parou e os casais se reencontraram, Jesus não apareceu. Sondaram as vizinhanças, o procuraram junto a parentes e conhecidos, falaram com seus companheiros de brinquedos... Ninguém sabia de nada. Os corações de José e Maria sentiram pontadas de dor e de angústia. Não lhes restava outra alternativa senão voltar e procurá-lo em Jerusalém.

Aquela foi uma noite longa e insone. Quando começou a raiar a madrugada se apressaram em partir. Depois de uma caminhada sem fim e de uma outra noite sem dormir, iniciaram uma procura cheia de aflição naqueles lugares que tinham percorrido dias antes com tanta alegria.

Finalmente... A felicidade reencontrada.

Finalmente o acharam. Estava no templo sentado entre os doutores, interrogando e respondendo às perguntas dos sábios e causando admiração em todos pela sua “**inteligência**”. Maria e José ficaram surpresos e uma infinita doçura inundou seus corações. Foi Maria que falou e, num tom de desabafo, disse: “*Meu filho, por que agiste assim para conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos*” (Lc 2,48). Teu pai e eu... O pai em primeiro lugar... Fica assinalada em primeiro plano a aflição do pai.

A resposta de Jesus foi inesperada e os deixou pensativos e maravilhados: “*Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo estar na casa de meu Pai?*” (Lc 2,49). Jesus afirmou ter Deus como Pai e reivindicou para com Ele relações que prevaleciam sobre a família humana. José e Maria não compreenderam... Como poderiam compreender os mistérios daquele filho que era todo deles mas também todo de Deus?

A volta para Nazaré.

Tomaram então Jesus pela mão, o seguraram firmemente com medo de perdê-lo novamente, e voltaram para Nazaré onde lhes “*era submisso... e crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens*” (Lc. 2, 51-52).

Flávio Josefo foi um historiador judeu do século I. Era um fariseu e foi também essênio por um tempo. Ao início da revolução, no ano 66, comandava tropas judaicas na Galiléia. Cercado pelos romanos, salvou sua vida de maneira duvidosa, entregando-se ao inimigo, depois que seus oficiais e soldados se suicidaram. Este seu ato sempre foi considerado pelos judeus como uma traição, tanto mais que, em seguida, passou a colaborar com o invasor e participou do cerco de Jerusalém no ano 70. Escreveu uma “**Autobiografia**”, “**As Guerras Judaicas**” e “**Antiguidades Judaicas**”. São fontes importantíssimas da história de Israel. Em seus escritos existem algumas referências a Jesus.

A VIDA EM NAZARÉ.

O silêncio dos Evangelhos.

Depois do episódio da perda e do encontro de Jesus em Jerusalém, os Evangelhos não falam mais de José. Podemos supor que sua vida se apagou antes da vida pública do Salvador. João diz que nas núpcias de Caná estavam presentes Maria e Jesus. Com certeza José também estaria presente, caso ainda estivesse vivo.

Partindo da suposição de ele já ter morrido antes daquela circunstância e da notícia que ele estava no vigor das forças quando Jesus tinha doze anos, pois percorrera 150 Km para celebrar a Páscoa, podemos aventar a hipótese que José morreu na faixa etária, entre 30 a 55 anos.. Isto está perfeitamente dentro do padrão da época quando a média da duração da vida humana não chegava aos 40 anos.

Notícias dos apócrifos...

O livro apócrifo “**História de José o Carpinteiro**” narra que ele faleceu com a idade de 112 anos, no dia 26 do mês de abib (agosto) sem nunca ter tido antes uma doença, ou uma dor, ou ter perdido um dente sequer. Os Arcanjos Miguel e Gabriel levaram sua alma para Deus colocando-a num invólucro resplandecente. Acrescenta que toda Nazaré e toda a Galiléia choraram sua morte.

O mesmo livro traz a cena de seus últimos momentos. Maria e Jesus estão à cabeceira da cama e José fala com Jesus dizendo: “*Dores e terror da morte me acoçam. Porém logo que tu me falas aos ouvidos, minha alma fica calma e serena. Jesus, meu defensor, Jesus meu redentor! Jesus meu refúgio. Como é suave em meus lábios o teu nome e como ele vibra suave nos corações que te amam*”!

A notícia de seu falecimento com aquela idade centenária é totalmente inaceitável. Faleceu jovem, sem dúvida. Sua missão, porém estava cumprida. Realizou-se nele o que

a Igreja afirma de muitos santos: *“Morreu com poucos anos mas viveu a plenitude da vida”*.

José morreu como morre uma criança, na plenitude de sua inocência. Seu sofrimento maior foi separar-se de seu filho e de sua esposa, que para ele eram o Paraíso aqui na terra. O terror que teria sentido, conforme dizem os apócrifos, é coisa comum para todos nós que somos pecadores, mas não atingiu, com certeza, o nosso santo.

José no Sheol.

Seu último suspiro foi colhido por um beijo de Maria e de Jesus e o grande São José foi ao Sheol para reunir-se aos antigos Patriarcas, os quais esperavam que se abrissem para eles as portas do céu.

Tal dia finalmente aconteceu, e foi num dia terrível e precioso para a humanidade. O Redentor morreu crucificado e se consumou o grande holocausto da salvação universal... Na tarde daquele dia, Jesus desceu ao reino dos mortos para buscar as almas santas do AT e introduzi-las no seu reino.

A primeira glorificação de José.

José foi o primeiro a entrar na casa do Pai. Jesus o honrou com esta distinção para lhe retribuir tudo o que seu pai terreno tinha feito por ele. José, a sombra, finalmente se encontrou com Aquele que tinha representado tão dignamente. Agora estava plenamente feliz. E ficou esperando Maria para continuar lá no céu, com ela e Jesus, a ser eternamente a trindade da família de Nazaré.

Aparição de José a Maria?

Mateus nos conta um episódio estranho acontecido depois da gloriosa Ressurreição do Senhor. *“Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram e saindo dos túmulos, após a ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e foram vistos por muitos”* (27,52-53).

Corpos de santos falecidos ressuscitaram... Será que Maria viu o seu querido esposo José ressuscitado e repleto de vida? É lícito sonhar e imaginar a felicidade dupla de Maria vendo seu filho Jesus e seu esposo José saírem do Reino dos mortos para o Reino dos sempre vivos.

Assunção de José ao céu em corpo e alma?

A partir deste episódio, alguns teólogos e místicos arriscaram a hipótese de uma *“Assunção de José ao céu em corpo e alma”*, como aconteceu com sua querida esposa. Nada se pode afirmar a respeito, pois o Magistério da Igreja nunca se pronunciou, nem em termos de possibilidade.

Se José foi realmente elevado ao céu e se for vontade de Deus que esta verdade seja manifestada, temos absoluta certeza que Deus o fará no tempo e na hora devida.

IV - O JOSÉ DE CADA DIA

JOSÉ, O CARPINTEIRO

Todos trabalhavam, sem exceções...

Na comunidade judaica não se concebia homem algum sem trabalho manual. Os estudiosos, os mestres, os escribas, todos eles exerciam uma profissão junto com suas atividades de ensino e de estudo da Torah. *Rabbi Shammai*, um fundador de uma escola famosa, era carpinteiro, enquanto *Rabi Hillel*, outro mestre de renome, ganhava a vida como lenhador.

José era um Sadiq, um fariseu observador da Lei segundo a letra e o espírito, e ganhava o pão de cada dia como carpinteiro. Na casa de Nazaré se dedicava com afinco ao trabalho para

dar a Jesus e a Maria o maior conforto possível. Por lei o pai de família devia transmitir sua profissão para o filho e José a transmitiu fielmente para Jesus.

Fantasia dos apócrifos...

A fantasia dos apócrifos dá asas livres à imaginação quando descreve José e Jesus trabalhando juntos. Certamente era uma alegria enorme para José passar a maior parte do tempo na companhia do filho, mas não houve nenhum dos milagres que aqueles escritores relatam. Para dar um exemplo de como a narração deles beira, muitas vezes, o ridículo, citaremos um trecho do capítulo XXXVIII do Evangelho da Natividade de Maria.

“José era carpinteiro e fazia com madeira camas, jugos para bois e arados e instrumentos para trabalhar na roça. Aconteceu que um jovem lhe pediu umas tábuas de seis côvados e José mandou que seu empregado cortasse a madeira com o serrote de ferro, conforme lhe fora solicitado. O empregado, porém, cortou uma táboa mais curta do que as outras e José ficou preocupado, pois não tinha a menor idéia de como remediar o erro”.

Jesus, ao vê-lo tão angustiado e agitado falou-lhe docemente: - Vem, seguremos as extremidades de duas tábuas, coloquemo-las uma sobre a outra e vejamos a diferença. Depois vamos ver o que se pode fazer. - José obedeceu, pois sabia que seu filho podia realizar tudo o que queria. Tomou as duas tábuas, emparelhou-as e enquanto Jesus segurava uma ponta, ele puxou a mais curta até alcançar o comprimento desejado”.

O Carpinteiro.

O carpinteiro, no tempo de Jesus, era aquele operário que sabia fazer de tudo com a madeira. Era uma profissão apreciada pelo povo. Se olharmos, porém, uma particularidade do Evangelho, notamos que José era *O CARPINTEIRO*. O artigo sublinha uma qualidade de José que seria mais tarde uma qualidade também de Jesus (Mc 4,3). Não se diz que era um carpinteiro qualquer, mas se insinua que era um construtor, um arquiteto, um especialista... Era *“O Carpinteiro”*.

São Justino, cuja vida floresceu um século depois de Cristo, afirmou que no seu tempo ainda se conservavam na Galiléia objetos que tinham saído da oficina de José.

José em Séforis e Tiberíades?

Acreditamos que José não trabalhou somente em Nazaré, mas também foi solicitado em outras localidades.

Na época do nascimento de Jesus, aquele edito de Augusto que ordenava o recenseamento tinha gerado grande mal-estar na Palestina. Um tal de Judas, filho de Ezequias, por protesto, se revoltara contra os romanos apoderando-se de um depósito de armas em Séforis, capital da Galiléia. Seu gesto acendeu os ânimos e toda a região se transformou num autêntico campo de batalha. As legiões do general romano Quintílio Varo atacaram os rebeldes, venceram-nos, incendiaram a cidade e crucificaram um grande número de revoltosos.

Alguns anos mais tarde o tetrarca da Galiléia, Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande, mandou reconstruir a cidade com o novo nome de Diocesaréia. Todos os melhores carpinteiros estavam empenhados na obra. José não faltou com certeza, pois Séforis distava somente 4 Km de Nazaré. Sendo o salário dos artezãos compensador, podemos supor que, por ser ele construtor e especialista de renome, ganhava mais do que a maioria dos outros obreiros.

No ano 17 de nossa era, o mesmo Tetrarca inventou de construir Tiberíades, a nova capital, situada nas margens do grande lago de Genezaré, o mar da Galiléia. José estaria mais uma vez presente com toda a sua experiência e a arte? Naquela época ele beiraria os 45 anos e é possível que já não estivesse vivo. Porém, supondo-o com toda a energia de uma pessoa adulta, nunca teria ido voluntariamente para lá, pois era um local impuro, repleto de túmulos antigos. A história nos diz que operários galileus foram obrigados pela força a trabalharem naquela localidade.

A Igreja, com razão o elegeu Padroeiro dos operários. José foi um operário autêntico que ensinou ao Filho de Deus a utilidade, a beleza e a santidade de exercer uma profissão.

Ninguém, mais do que ele merece esta distinção.

JOSÉ, O FARISEU. Quem eram os fariseus?

Para nós, a palavra “**fariseu**” está geralmente associada ao termo “**hipócrito**” por causa do juízo severo que os Evangelhos fazem daquela classe de gente. Porém, nem todo fariseu deve ser encaixado nessa visão. Houve muitas pessoas que pertenceram a essa seita e se distinguiram por sua vida reta e virtuosa.

Os fariseus não eram sacerdotes, mas leigos, e formavam um partido religioso bastante moderado em fato de política. Cultivavam a Tradição escrita e oral, estudavam a Lei e as Tradições e propugnavam uma rigorosa observância da Torah, principalmente em se tratando da santificação do Sábado e da pureza legal. O que lhes dava autoridade era a ciência que possuíam.

A gente humilde os respeitava e amava pois eram muito populares. Isto pode explicar porque depois das duas destruições sucessivas de Jerusalém em 70 e 134, quando os judeus deixaram de ser nação, a seita dos fariseus foi a única seita a sobreviver e a manter vivo o judaísmo e sua religião, como herdeira e guarda da revelação do AT.

O Talmud e os fariseus.

O Talmud irônica e jocosamente classifica 7 espécies de fariseus,

- 1 - *O Fariseu Siquem*: É o Fariseu ligado aos interesses materiais.
- 2 - *O Fariseu Rastejante*: É aquele que afeta humildade falsa.
- 3 - *O Fariseu Sangria*: É o fariseu que se machuca e perde sangue batendo com a cabeça nas paredes para não olhar uma mulher.
- 4 - *O Fariseu Pilão*: É aquele que anda sempre curvado por causa do estudo da Palavra.
- 5 - *O Fariseu Qual-é-meu-dever-para- que-eu--o-faça*: É o fariseu que, sempre ocupado em cumprir todos os deveres, não tem tempo para nada.
- 6 - *O Fariseu por amor*: É aquele que tudo faz para se exibir e ser honrado e glorificado.
- 7 - *O Fariseu por temor*: Este é o fariseu bom, que tem sentimentos verdadeiramente religiosos e teme a Deus.

José, um fariseu exemplar.

O nosso São José era um *fariseu por temor*, um fariseu modelo. Reconhecia o fundamento absoluto da lei e o seu valor moral. Era o homem religioso, pessoalmente relacionado com o Criador através do verdadeiro temor de Deus, que era fonte de santidade para todo Israelita.

Por ser Sadiq, educava também o povo através de sua irradiação pessoal, de sua integridade de vida, de seus conselhos e orientações, de sua sabedoria e conhecimentos. Não era somente a “*sexagésima parte do Messias*,” isto é, alguém que cumpria, de certa maneira, uma pequena parte da missão do Messias, mas como Pai e Educador preparava o mesmo Messias, o Filho de Deus feito Homem, para a sua grande missão.

JOSÉ, A SOMBRA DE DEUS.

Um Pai todo especial.

Sempre surge uma pergunta quando se fala de José. *Que tipo de paternidade foi a sua?* Jesus o chamava “**Abbá**”, paizinho. São Basílio, encantado diante deste fato exclamava: “*Qual foi o santo ou mesmo o Anjo que mereceu ser chamado **Abbá** pelo Filho de Deus?*”

Somente ele teve esta honra. É por causa disto que nós o denominamos **Patriarca**. Os Patriarcas eram pais por excelência, os primeiros dos pais, como diz a palavra. A José coube a honra de ser o primeiro de todos os Pais em dignidade, por ser Pai do Filho de Deus.

Para explicar a natureza desta dignidade se falou em *Pai Putativo*, *Pai Virginal*, *Pai Adotivo* e se usaram ainda outros epítetos, muitas vezes somente aromáticos e coloridos, que não conseguem explicar suficientemente a paternidade autêntica do nosso santo.

Pai Putativo, além de ser uma expressão muito infeliz, sublinha que José não é pai verdadeiro, mas somente *reputado*, *julgado* pai. Parece-nos que o termo insinua ter sido José uma mentira viva para enganar parentes e conhecidos, um pai fingido, um pai manequim. Nada de mais falso. Sua paternidade é real e, se para nossa mentalidade não é genética, *o era para os semitas*. De fato Jesus se tornou Filho de Davi porque José é descendente de Davi. A paternidade de José fez com que se cumprissem em Jesus todas as profecias que apontavam o Messias como o membro mais ilustre daquela dinastia real.

Pai Virginal é uma expressão simpática, mas incompleta. Acentua a ausência de José na geração de Jesus e a presença dele em todos os outros atos específicos da paternidade. Encerra em si a idéia de pai adotivo, enriquecida por uma particularidade de seu estado de vida: *a virgindade*.

Pai adotivo é uma denominação imprópria. Quem é adotado vem de fora do matrimônio. Jesus nasceu do seu matrimônio com Maria, embora não seja fruto dele. Pode-se falar em adoção, mas de uma adoção especial e única.

A sombra de Deus

Nós não queremos desvendar o mistério da paternidade de José. É um mistério que só Deus conhece.

Um escritor místico, chamado Louis d'Argentan, disse que José foi a "**Sombra de Deus**". O conceito de sombra é bíblico e muito rico em simbolismos. No caso o santo Patriarca seria o representante de Deus Pai, da primeira pessoa da Santíssima Trindade, diante de seu Filho Único, *uma sombra do Pai verdadeiro*.

Em Gen. 41,42ss, encontra-se uma tipologia significativa. O Faraó era Senhor absoluto do Egito, mas colocou tudo nas mãos de José, filho de Jacó. José não era o Faraó, mas todos viam nele a autoridade e o poder do Faraó. *Era a sombra do Faraó*.

Assim Deus entregou seu poder e sua autoridade a José, esposo de Maria, de modo que ele representa em tudo sua paternidade. *José é a sombra do Pai do céu*.

Quando pensamos que a sombra não pode ser separada do corpo que a projeta, concluímos imediatamente que a paternidade de José está ligada àquela de Deus de modo indissolúvel, muito além de qualquer denominação que se queira dar.

Maria com certeza poderia falar a José desta maneira: "*O meu único Filho, que deve ser adorado pelos Anjos e pelos homens e por todas as criaturas seria desprezado como ilegítimo se tu não fosses a sombra do Pai do céu... Assim nós vivemos seguros na sombra de tua proteção*" (Argentan).

José é o **Pai Perfeito**, o pai que só age por amor de seu Filho e de sua esposa. Quando no século XVII alguns teólogos, falando da Família de Nazaré, disseram que era uma pequena Trindade terrena, queriam expressar este conceito: *a Trindade de Nazaré é a sombra da Trindade divina como José é a sombra do Pai*.

JOSÉ, O EDUCADOR DE JESUS.

O Jesus dos apócrifos, rebelde e vingativo...

Muitas vezes nós imaginamos Jesus, na casa de Nazaré, como alguém que sabe tudo, conhece tudo, pode tudo, porque é Filho de Deus. Esta é a imagem transmitida pelos apócrifos que nos apresentam um menino que usa e abusa de suas qualidades que não sempre são divinas...

No Evangelho da Natividade (XXXI) se conta que o mestre Zaquias quis que José lhe confiasse Jesus para lhe ensinar o alfabeto. José, mostrando-se incapaz de transmitir algo de

novo àquela criança onisciente, disse assim: “*Quem pode instruir este menino? Se conseguires, eu não te impedirei que lhe ensines aquilo que todo mundo aprende*”. Zaquias tentou. Na primeira lição Jesus teimou em ficar mudo, e não deu resposta de espécie alguma. O mestre, irado, perdeu a paciência e deu algumas vergastadas na cabeça da criança. Jesus reagiu de um modo bem estranho, mostrando ao mestre que dominava as letras do alfabeto tintim por tintim e desmoralizando-o totalmente com uma exibição de conhecimentos acima de sua idade. Os presentes comentaram: “*Nunca aconteceu de ouvirmos discursos tais em boca de criança tão pequena!*”. Zaquias, sentindo-se ofendido, falou: “*Será que este pirralho pode ainda continuar vivendo neste mundo? Merece ser pendurado numa cruz...*”

O desastrado mestre teve sorte em sair com vida, pois no mesmo Evangelho (XXVIII) Jesus não foi tão condescendente com um companheiro de jogo que destruiu seus brinquedos. Fortemente irado o apostrofou assim: “*Pérfida semente de malvadez, filho da morte, oficina de Satanás, o fruto de teu sêmen ficará sem vigor, tuas raízes sem seiva e teus ramos áridos e sem frutos*”... E o coitado logo caiu morto, atingido por seu poder divino.

Fatos semelhantes se encontram em profusão nos apócrifos. Fica claro, então, porque a Igreja não considera tais livros inspirados. Se déssemos ouvido àquilo que eles contam deveríamos forçosamente pensar que José se achava no maior dos apuros para lidar com Jesus. Mas o Jesus verdadeiro era totalmente diferente.

“Ele se fez em tudo igual a nós, menos no pecado...”

Em primeiro lugar não podemos esquecer que “*Jesus se tornou em tudo semelhante a nós, menos no pecado*”. Precisou aprender tudo o que uma criança apreende. José e Maria lhe ensinaram a falar, a caminhar, a orar, todos os cuidados de higiene, o educaram à vida, à fé. José o introduziu na Sinagoga e na sociedade, deu-lhe um ofício, incutiu nele hábitos sadios, aconselhou-o, corrigiu-o e lhe deu todo aquele amor que uma criança precisa para não crescer carente e com traumas.

José nunca teve que punir Jesus. A punição, como castigo de ações más ou imperfeitas, está fora de toda cogitação pois Jesus era em tudo igual a nós, *menos no pecado*.

A ação de José como educador nos é revelada admiravelmente pelo Evangelho de Lucas em dois versículos muito eloquentes, quando escreve que Jesus “*desceu com eles para Nazaré e lhes era submisso... E Jesus crescia em idade, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,51-52).

Jesus lhes era submisso...

A obediência de um filho não se obtém pela imposição, mas se ganha pelo amor e pela dedicação. Eis então o método educativo de José. Era amigo e companheiro de Jesus...sabia brincar com ele, era objeto de toda a sua confiança... Jesus lhes era submisso porque José soube conquistar seu coração, se tornar seu herói, a pessoa mais importante de sua vida.

Jesus crescia em estatura...

Crescia em estatura, mas não só fisicamente. Sentindo-se amado, amparado, feliz, Jesus crescia de maneira harmoniosa, sem complexos. A idade psicológica acompanhava aquela mental e cronológica. Tudo se dava nele no tempo devido. Era uma criatura humanamente sadia e perfeita porque a educação e o acompanhamento dos pais eram perfeitos.

Jesus crescia em sabedoria...

A sabedoria era, para os judeus, a arte de viver bem. Jesus aprendeu de José a arte de viver.

José o conduziu pela mão por esse caminho. Orientou e aprimorou sabiamente suas experiências e lhe despertou o espírito crítico a fim de poder peneirar sempre o melhor. A pregação, as parábolas, os ensinamentos e o amor à pobreza que acompanharam e caracterizaram Jesus, exprimiam tudo o que ele tinha assimilado de José e Maria na humilde casa de Nazaré. Aquela casa foi a primeira escola e a mais importante fonte da Boa Nova.

Quando, no Templo, aos doze anos de idade, todos se maravilhavam por sua inteligência diante das respostas que ele dava aos doutores da lei, José deve ter provado uma satisfação muito intensa em ver como seu filhinho tinha aprendido com perfeição o que dia a dia lhe transmitira a respeito da Torah. Não devemos ver ali algo de sobrenatural, uma sabedoria divina, mas o resultado de todos os ensinamentos recebidos em casa.

José educou Jesus também para o trabalho de maneira tal que Marcos (Mc 16,3), falando de Jesus, diz que era “o Carpinteiro”.

Jesus crescia em graça diante de Deus...

José lhe ensinou a amar a Deus, a beleza de conduzir uma vida reta e em conformidade com Lei, o amor pela virtude. Jesus precisou apreender tudo isto porque era em tudo igual a nós... Sem a educação neste sentido Jesus, como homem, nunca teria conhecido e amado seu Pai do céu. Jesus Redentor, Jesus Messias, Jesus Salvador, aquele Jesus que sempre fez a vontade de Deus, foi orientado neste sentido pelo Pai José. Jesus conheceu seu Pai do céu a partir dos ensinamentos de seu Pai na terra.

Jesus crescia em graça diante dos homens...

Jesus era estimado e amado pela sua maneira de ser e de fazer, pelo seu caráter doce e viril ao mesmo tempo, pelas suas maneiras de agir que refletiam o convívio com o pai terreno.

Era belo porque a beleza exterior refletia sua beleza interior. Sabia conversar, ser extrovertido, fazer-se amar. José lhe ensinou tudo isto. Jesus foi uma cópia de José. Com certeza a fisionomia interior e exterior de Jesus refletiam sua fisionomia e suas feições. Quantas moças de Nazaré terão sonhado com o jovem Jesus, atraídas pela sua beleza e pelas suas qualidades!

José deu a Jesus uma educação integral. Assim aquela criança que nasceu pobre em tudo, cresceu pouco a pouco, sob orientação de José, acumulando tesouros de sabedoria e tomando consciência de sua missão. Jesus homem, pela mão do pai terreno, foi levado a encontrar-se com o Pai do céu e a conhecer, antes confusamente e depois em plenitude, que Ele era Filho de Deus, gerado por Deus desde toda a eternidade e enviado para a salvação de todos.

O que São José fez como educador não tem igual na história. Por isto nenhum outro santo é tão grande e tão importante.

V - FALANDO EM SANTIDADE...

1 - Nas fontes de sua santidade...

Na grande seara das virtudes do nosso Santo só respigaremos um pequeno ramalhete. Não se pode fixar o sol a não ser por um segundo, nem recolher todas as águas do oceano na palma da mão. A santidade de José é tão refulgente e imensa que seu brilho nos ofusca, sua grandeza é inabordável.

Mateus diz que José era um homem “**justo**”, isto é “**santo**”.

São João Crisóstomo comenta este epíteto evangélico. “*José é chamado justo, - diz ele, - porque possuía de maneira perfeita todas as virtudes. Santo antes mesmo de casar, sua santidade andou crescendo sempre mais pelo contato íntimo com sua esposa, a mãe de Deus. Os exemplos de sua esposa eram de per si suficientes para aumentar cada vez mais sua santidade*”.

Poderíamos completar o pensamento daquele Santo Padre afirmando que, se sua intimidade com Maria foi para Ele fonte de santidade, a sua intimidade com Jesus o foi muito mais ainda, fazendo dele o mais santo de todos os homens.

Jesus um dia declarou santos os pobres, os mansos, os puros de coração, os aflitos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os perseguidos... Pregava as bemaventuranças pensando no povo, nas pessoas. Por que não poderíamos afirmar que o conceito das bem-aventuranças amadureceu nele paulatinamente, instruído pelo exemplo vivo e assimilado na convivência com o seu amado pai terreno?

2 - José, homem de fé, de esperança e caridade.

As virtudes teológicas

As virtudes da Fé, da Esperança e da Caridade são chamadas teológicas. Se elas faltam, falta toda ligação com Deus. São a base e as estruturas do edifício da santidade.

Maria foi grande e a sua grandeza se alicerça na sua **fé**, naquele “**sim**” que disse a Deus no momento da Anunciação e em cada momento de sua vida. *Sem este sim definitivo*, não se teria operado nela o mistério da maternidade divina.

A fé e esperança de José

José foi grande sobretudo por causa de sua fé, de seu “**sim**”, um sim que repetiu a vida inteira com uma perseverança heróica.

O sim de José não foi fácil. Pensar simploriamente que, depois daquela visão em sonho, caminhou vida afora sempre na certeza, sem dúvidas, com todas as convicções formadas é imaginar um José a quem tudo é claro e evidente, uma pessoa que não precisa de fé...

O Anjo lhe apareceu em sonho, numa realidade fictícia. José podia muito bem considerá-lo fruto de sua imaginação... Amparado pela graça acreditou. Foi o primeiro passo de uma caminhada de fé muito árdua e espinhosa. Sua fé era provada continuamente, cada dia. Nada de extraordinário acontecia para confirmar as palavras do Anjo. O menino crescia... Foi num sonho que lhe foi anunciado quem era aquele menino. Num sonho... Nada exteriormente provava sua veracidade. Maria, ao menos, presenciou milagres. Ele não. Mas José acreditou contra toda evidência. Ele viveu de fé. Não vacilou nunca. Foi uma fé heróica, perseverante, continuamente provada mas continuamente renovada e alimentada por uma oração e doação sem limites.

Ele viveu a Esperança.

A esperança é irmã da fé. É a certeza de que Deus é fiel e cumpre suas promessas. José tinha o objeto das suas esperanças consigo. Os patriarcas, os profetas, os verdadeiros israelitas tinham colocado suas esperanças no Messias que seria enviado por Deus na plenitude dos tempos. Toda a esperança de José era depositada naquele menino indefeso e frágil que tinha aceitado como filho. Uma esperança firme, sem dúvida, mas sujeita a mil provas, acrisolada e reacendida continuamente, ofuscada às vezes pela rotina diária da vida de Jesus que era em tudo igual a um menino de sua idade e obstinadamente nada aparentava de divino.

Como a fé, a esperança cresceu sempre mais nele até assumir dimensões nunca atingidas fora da casa de Nazaré.

Um apaixonado de Deus

José viveu sempre mais intensamente a fé e a esperança porque *estava apaixonado* por Deus, uma paixão que consumiu sua vida inteira.

Amou a Deus fazendo sempre sua vontade, realizando aqui na terra seus planos, aceitando ser sua sombra protetora. Por isto foi amado por Deus de maneira toda especial. Deus quis tomar em Jesus um coração humano e, pelo coração de Jesus, expressou seu amor a José não só com um amor eterno de Pai, mas também com a ternura de um amor de filho.

Um apaixonado de Maria e de Jesus.

José amou sua esposa e seu menino com uma **caridade** sem limite, um afeto de esposo e de pai, um amor que tudo deu e tudo sacrificou, um amor que cresceu, que superou os limites da casa de Nazaré, se estendeu a toda a humanidade a ponto de, como sombra do Pai, entregar livremente seu filho para a salvação de todos.

Não se pode desligar a pessoa da sombra. Não se pode desligar José de Deus. Se Deus é amor, José o foi também nos limites da natureza humana... Quando oramos: “*José amantíssimo*,

rogai por nós,” tocamos no ponto essencial de sua santidade, isto é, na sua total e perfeita união com Deus e na sua total e perfeita união com sua esposa e seu filho.

3. As outras virtudes.

Um Santo sem igual.

As outras virtudes cardeais e morais dependem das teologais como a pérola da ostra, o calor do fogo. São adornos que dão mais valor e mais brilho à santidade.

José primou em todas elas porque as pessoas, com quem vivia, eram as mais santas criaturas deste mundo. Ele bebia cada momento seu exemplo; e também porque sua missão era tão excelsa que Deus o abençoou de maneira especial com seus favores.

A estas alturas, gostaria de perguntar a você, meu leitor: “*José, colocado por Deus como sua sombra para educar e proteger seu Filho, o que ensinou, afinal, para Jesus*”? Sua resposta, com certeza, é pronta e rápida: “*Tudo o que uma criança necessita*”.

Jesus, de fato, como homem, precisava aprender tudo, também o exercício da virtude. “*Era em tudo igual a nós...*”

Só se dá o que se tem. Para moldar a perfeição de Jesus, Deus moldou a de José com todas as virtudes possíveis a fim de que pudesse transmiti-las a seu filho bem-amado.

Meu leitor, onde encontraríamos nós santidade igual fora da casa de Nazaré? José e Maria foram as únicas pessoas que atingiram o maior grau de santidade que uma criatura humana pode alcançar .

Se José avançou tanto no caminho da santidade, foi unicamente porque aceitou, com humildade infinita e fé heróica, ser a sombra de Deus aqui na terra.

VI - O GRANDE PADROEIRO

São José Padroeiro da Igreja.

O Concílio Vaticano 1o e Pio IX

No dia 8 de dezembro de 1870, dia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, o Concílio Vaticano I colocou a Igreja Católica sob a proteção de São José. O Papa Pio IX anunciou ao mundo esta consagração com um decreto, pelo qual apresentou também os motivos históricos que provocaram essa decisão.

Naquele decreto o Santo Padre sublinhou a dignidade de São José como Pai de Jesus, a devoção que a Igreja e os fiéis de todos os séculos sempre devotaram ao santo Patriarca e o papel que ele teve como protetor de Jesus e de Maria. Falou também da situação da Igreja perseguida e hostilizada e das solicitações insistentes dos membros do Concílio em apressar a entronização de José Padroeiro da Igreja... Concluiu coroando solenemente São José como Padroeiro da Igreja Católica e fixando sua festa litúrgica para o dia 19 de março.

Outros Papas falaram...

No dia 25 de julho de 1920, em ocasião do cinquentenário da proclamação de Pio IX, Bento XV repisou a necessidade de recorrer à intercessão deste grande Santo, afirmando que “*o patrocínio de São José sobre toda a Igreja é o complemento e o prolongamento da sua paternidade.*”.

Em outras palavras afirmou que Jesus pertence a José e que a Igreja, que é o corpo místico de Cristo, também pertence a José por direito.

O Grande e sábio papa Leão XIII, presenteando os cristãos com a bela e famosa encíclica “*Quamquam pluries*” (embora muitas vezes), traçou os fundamentos teológicos do Patrocínio do nosso santo.

A devoção a São José como Padroeiro da Igreja tem bases muito firmes na revelação

transmitida a nós pela Sagrada Escritura e pela Tradição oral.

São José Padroeiro dos Operários.

Leão XIII, Bento XV e Pio XI chamaram muitas vezes a atenção a respeito da proteção especial que São José exerce sobre os trabalhadores. Despertaram, poderíamos dizer, uma consciência cristã.

Em 1955 o Sumo Pontífice Pio XII instituiu a festa litúrgica com o título “*São José Operário*” a ser celebrada no dia 1o de maio, o dia do trabalho. O sumo pontífice apresentou São José Operário como protetor e modelo dos trabalhadores de todo o mundo e de todos os tempos.

São José Padroeiro dos moribundos.

A morte de José foi invejável. Jesus e Maria estavam à sua cabeceira, deram-lhe o último beijo e fecharam seus olhos. Foi uma morte suave e felicíssima.

A tradição, popular desde tempos remotíssimos, elegeu então São José como padroeiro e protetor dos fiéis no momento da morte.

Todos somos pecadores e precisamos de misericórdia. O papel dele, naquela hora suprema do nosso encontro com Cristo, é justamente este: “*interceder em favor de quem o invoca, para que Jesus tenha misericórdia*”. E ele, com os seus pedidos, não somente pode contar, à semelhanças dos outros santos, com sua amizade para com Jesus, mas usa o poder da autoridade, pois Jesus é seu filho para sempre.

Ide a José...

São José, que é muito amado na cristandade, foi considerado “**Padroeiro**” por inúmeras categorias de pessoas. Os celibatários o proclamam Guarda das Virgens, os sacerdotes o reclamam como seu protetor especial, os pais o consideram como um modelo, as famílias reivindicam sua assistência e celebram uma festa litúrgica de 1a classe, no domingo da oitava do Natal...

Muitas Congregações religiosas masculinas e femininas ostentam em seu título o nome de São José para garantir sua proteção e espelhar-se nele como modelo de vida religiosa. E não é para menos. Não existe outro exemplo de vida consagrada a Jesus, com excessão de Maria Santíssima, que possa competir com nosso santo.

VII - UM ARDENTE DEVOTO DE SÃO JOSÉ.

Muitos santos e santas trilharam o caminho da perfeição tendo por modelo São José. Podemos dizer que a maioria dos santos modernos foi devota do Esposo de Maria. Entre eles queremos destacar a figura simples e simpática de **São Leonardo Murialdo**.

Quem foi?

Nasceu em 1828 em Turim no seio de uma família piedosa e rica. Foi ordenado Sacerdote com 23 anos. Exerceu seu primeiro ministério sacerdotal dedicando-se aos jovens mais necessitados e à classe operária. Eleito em 1866 Reitor do Colégio Artigianelli de Turim, uma instituição especializada em educar adolescentes e jovens necessitados, não só deu todos os seus bens, sua saúde, sua dedicação e seu amor em prol daquela causa, mas quis fundar uma Congregação Religiosa, conhecida como Josefinos de Murialdo, para garantir a continuação de seu trabalho.

Morreu em 1900. Foi declarado bem-aventurado em 1963 e santo em 1970. Sua festa litúrgica se celebra no dia 18 de maio.

O devoto de São José...

Dele não temos obras e nem tratados, mas apontamentos, cartas, manuscritos, exortações, sermões e novenas. Sua devoção a São José aflora em todos os seus escritos.

Propagou sua devoção incansavelmente, desde sua ordenação sacerdotal até à morte. Pregava que devemos ter estima, confiança e amor para o nosso santo, celebrar com fervor e alegria suas festas, imitá-lo e invocá-lo sobretudo como Padroeiro dos Operários e da Boa Morte.

Como pregava.

Tinha uma maneira de falar simples e prática. Não se deixava envolver por arroubos de oratória e nem usava raciocínios filosóficos e acadêmicos, pouco acessíveis ao povo e aos jovens, mas sabia penetrar no coração dos ouvintes de maneira muito eficaz. Trazemos dois exemplos que caracterizam seu estilo popular.

“Hoje estamos na vigília da Festa de São José - dizia ele a seus jovens. - Eis a graça que devemos pedir para ele. Aconteceu no mês passado que um Sacerdote, já bastante avançado em idade, veio fazer uma oferta de 500 libras. Já estava na porta de saída quando voltou e me disse: - Peço vivamente que orem por mim para eu alcançar uma graça espiritual para uma pessoa conhecida. Esta pessoa tem fé, mas não vive conforme sua fé. Exortei-o a mudar de vida. Ele respondeu que seria bom, mas não tem força para isto. Precisa de uma graça extraordinária que o sacuda e force a vontade teimosa.-

Eis a graça que devemos pedir a São José: uma força especial em favor daquela pessoa...”

Ainda falando aos jovens assim se expressava de maneira muito concreta e pitoresca:

“Que lugar ocupa ele no céu? O santo Padre Pio IX afirma que o lugar dele é estar ao lado de Jesus, como já tinha sido seu lugar na terra. Jesus está sentado à direita de Deus Pai todo poderoso, a glória máxima. José e Maria logo depois”. E insistia: “Santa Teresa diz que nos dias de sua festa nunca tinha pedido uma graça sem obtê-la. Por quê? Jesus nunca diz não a Maria, Jesus nunca diz não a José. São José foi honrado por Deus na terra e é poderoso no céu. Os Anjos têm inveja dele”.

É fácil ver por estas citações qual era o estilo que ele usava para inculcar nos jovens e no povo a devoção ao nosso santo.

A sua Congregação.

Ele fundou a Congregação dos Josefinos no dia 19 de março de 1873, festa litúrgica de São José, e a colocou imediatamente sob a proteção dele, com o propósito de formar uma família religiosa nos moldes da Sagrada Família. Lê-se no regulamento desta obra religiosa: *“A Congregação tem como seu Patrono São José, esposo de Maria Santíssima e, portanto, não só leva seu título, mas ainda propõe-se a imitar suas virtudes e propagar sua devoção”.*

A Congregação, fiel ao carisma do Fundador, se esforça para isto, honrando o glorioso patriarca com uma devoção toda especial, celebrando seu nome e divulgando suas virtudes. Muitas obras da Congregação, levam o nome de São José e três delas têm aos seus cuidados Santuários Josefinos. Um deles tem seu lugar no sul da Itália, perto de Nápoles, numa localidade chamada San Giuseppe Vesuviano. A fama deste Santuário vai além das fronteiras da península e da Europa. Cada ano milhares de devotos buscam nele novo ardor e novos motivos para amar sempre mais o nosso santo.

O outro está situado em Salinas no Equador. Foi consagrado Santuário Diocesano em 1997 pelo Bispo de Guayaquil e dois outros Bispos equatorianos em solene ação litúrgica, quando se festejaram os 50 anos da presença josefina naquela nação.

O terceiro floresce na cidade gaúcha de Porto Alegre, no bairro Partenon. Se você, amigo leitor, puder um dia visitá-lo constatará quanto São José é amado e estimado e glorificado por fiéis sem número que, como você, buscam nele um padroeiro e um modelo de vida.

CONCLUSÃO

José não foi um ermitão, nem um sacerdote, nem um levita e nem mesmo um profeta. Foi um homem simples do povo, um ótimo pai de família, um esposo excelente, um trabalhador exemplar.

Os Evangelhos não dizem quase nada a seu respeito, de modo que José está envolvido no silêncio e no mistério: *ele é uma sombra, a sombra do Deus invisível.*

Todavia não podemos absolutamente concluir que ele passou a vida escondida atrás de seu banco de carpinteiro, quase despercebido por todos. Fala-se muitas vezes, e um pouco superficialmente, da “**vida escondida de São José**”. A expressão toma sentido na medida em que o contemplamos na intimidade do próprio lar, enquanto curte a companhia de seu filho e de sua esposa, em retiro no oásis da santidade....

Porém, no seu dia a dia, ele viveu dentro de uma estrutura, de um contexto. Trilhou o caminho que a Providência colocou debaixo de seus pés. E por ser **Sadiq** liderou uma comunidade. “*Não se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro. Assim ela brilha para todos os que estão em casa*” (Mat.5,15). Ele foi influente, competente, santo e importante.

A sua foi uma família perfeita em tudo e um modelo para todas as famílias. Nela José passou sem barulhos, sem estardalhaços, sem pompas, sem prodígios, como convinha à sombra de Deus.

Passou também como sombra ao longo dos séculos, amado sim, admirado, sem dúvida, todavia mais na penumbra da lenda do que no brilho da verdade.

A sua imagem começou a refletir luzes a partir do século passado, quando grandes papas começaram a sublinhar a figura do incomparável São José. Ninguém pode deter esta caminhada. Com certeza o Espírito Santo, que o está revelando pouco a pouco, um dia o fará refulgir na luz plena de sua majestade, sombra luminosa a refletir as glórias do Pai nas maravilhas que o Pai operou no seu representante, com a sua sombra, aqui na terra.

• ALGUMAS ORAÇÕES A SÃO JOSÉ

1 - AS SETE SÚPLICAS A SÃO JOSÉ.

1 - *Amabilíssimo São José, pela singular honra com que vos distinguiu o Eterno Pai escolhendo-vos para serdes seu representante aqui na terra como Pai Virginal de seu Filho Unigênito, obtende-me de Deus, ó grande santo, a graça que tanto desejo.*

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

2 - *Felicíssimo São José, pelo amor filial que Jesus vos consagrou reconhecendo-vos como pai e obedecendo-vos como respeitoso filho, alcançai-me de Deus, ó meu caro santo, a graça que do fundo do coração vos imploro.*

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

3 - *Puríssimo São José, pela graça especialíssima que recebestes do Divino Espírito Santo ao dar-vos por esposa Maria Santíssima, nossa Mãe querida, rogai a Deus me outorgue a graça que instantemente vos peço.*

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

4 - *Amantíssimo São José, pelo amor puríssimo que tivestes a Jesus e a Maria amando a Jesus como vosso filho e vosso Deus e Maria Santíssima como vossa esposa, obtende-me de Deus, ó glorioso santo, a graça desejada.*

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

5 - *Dulcíssimo São José, pelo grande gozo que vos inundou o coração por terdes sempre convosco Jesus e Maria e pelos serviços que lhes prestastes, impetrai de Deus, ó grande santo, a graça desejada.*

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

6 - Poderosíssimo São José, pela bela sorte que vos coube de morrer nos braços de Jesus e Maria e de ser por eles consolado e confortado na vossa agonia e morte, tornando-se ambos um verdadeiro êxtase de amor, alcançai-me de Deus, meu caro santo, a graça que tanto almejo.

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

7 - Gloriosíssimo São José, pai poderoso de minha alma, pela reverência que vos tributa a corte celeste como Pai nutrício de Jesus e esposo da Mãe de Deus, Rainha de todo o Universo, atendei, meu grande santo, minhas súplicas e dignai-vos acolhê-las piedosamente. Assim seja.

Pai Nosso, Ave Maria, Glória.

*Rogai por nós, bem-aventurado São José
Para que sejamos dignos das promessas de Cristo*

Oração:

Ó Deus, que pela inefável providência vos dignastes escolher São José para esposo de vossa Mãe Santíssima, concedei-nos, vo-lo suplicamos, mereçamos ter como intercessor no céu aquele que veneramos na terra como protetor. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém

2 - LEMBRAI-VOS...

Lembrai-vos de nós, ó São José, e intercedei por nós junto a Jesus que vos foi confiado como filho pelo Pai. Obtende-nos a proteção da Virgem Maria. Vossa esposa e nossa mãe e de Jesus que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo. Amém.

3 - ORAÇÃO A SÃO JOSÉ PELAS VOCAÇÕES

Ó São José, que fostes escolhido por Deus para ser o guarda fiel de Jesus e de Maria, olhai para as necessidades que temos de Sacerdotes, de Irmãos e Missionários, que sejam sobretudo educadores da juventude.

Obtende-nos numerosos continuadores da obra que realizastes junto de Jesus Menino e adolescente, na pessoa de tantos jovens que esperam quem os preserve do erro e do vício e quem lhes distribua a palavra de Deus e saiba orientá-los para os caminhos consoladores da virtude.

Iluminai as famílias cristãs para que compreendam o dever e a honra de responder ao divino Senhor da messe, que convida a trabalhar com ele na mística vinha da Igreja, e fazei que os jovens sejam dóceis ao chamado divino e perseverantes na sua vocação.

Que o vosso patrocínio enriqueça as comunidades cristãs com muitas e santas vocações para a glória de Jesus, para a honra de vossa esposa Maria Santíssima, para a propagação do vosso culto, especialmente entre os jovens e operários e para o crescimento da santa Igreja. Amém.

4 - SUPLICA A SÃO JOSÉ.

Lembrai-vos, ó glorioso São José, Esposo da Virgem Maria e doce protetor nosso, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que recorrem à vossa proteção e imploram o vosso auxílio, fosse por vós abandonado.

Animado, pois, de igual confiança, a vós recorro e devotamente me recomendo. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Pai adotivo do meu Redentor, mas dignai-vos de as ouvir propício e alcançar-me o que vos rogo.

5 - ORAÇÃO PARA PEDIR UMA BOA MORTE.

Ó São José, que morrestes nos braços de Jesus e de Maria, meu amável protetor, socorrei-me em todas as necessidades e perigos de vida, mas principalmente na hora suprema, vindo suavizar minhas dores, enxugar minhas lágrimas, fechar suavemente meus olhos, enquanto pronunciar os dulcíssimos nomes: Jesus, Maria, José, salvai a minha alma.

Amados Jesus, Maria, José: meu coração vos dou e minha alma.

Amados Jesus, Maria, José: assisti-me na última agonia.

Amados Jesus, Maria, José: expire em paz entre Vós a minha alma. Amém.

6 - ORAÇÃO PELA FAMÍLIA.

São José, grande santo a quem Deus confiou o cuidado da mais santa família que jamais houve, sede, vo-lo pedimos, o pai e protetor da nossa família e impetrai-nos a graça de vivermos e morreremos no amor de Jesus e de Maria. Amém